

Acopiara – Blanchu , o filósofo do povo

JB Serra e Gurgel (*)

Conta a lenda que Blanchu dos Santos Espíritos nasceu no sertão dos Inhamuns, em lugar incerto e não sabido.

É o mais popular dos filósofos cearenses.

Não é o mais consagrado, como Farias Brito, que estudou, ganhou diploma, virou doutor, com direito a fama, estátua, nome de cidade, ruas e avenidas.

Blanchu infelizmente não estudou, se criou, ganhou asas, mas aprendeu a ler , escrever, fazer as quatro operações, caiu no mundo.

Sabe-se muito pouco sobre ele. Pesquisei no Google, no Yahoo, na Wikipedia e não encontrei uma linha. As enciclopédias, antes tão cuidadosas, o esqueceram. Nelas não encontrei um textículo. O mesmo digo dos estudiosos de escol, os phds, que passam anos e anos, custeados pelos contribuintes, estudando o sexo das formigas, mas não se ocuparam de Blanchu.

Certamente Blanchu não figura nas prioridades definidas pelo MEC para os cursos de especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Logo o MEC que não acabou com o analfabetismo nacional e criou o analfabetismo funcional. Pensa mais na merenda escolar do que no livro didático. Mais nas empreiteiras e verbas do que nos conteúdos escolares. Logo logo o MEC implantará a ignorância digital, com direito a certificado à distância. Quanto ao MINC só se interessa pela cultura patrocinada, apoiada, incentivada, co-optada, com generosos fundos públicos, para exaltar primatas & trogloditas, monoglotas & aculturados.

Mas voltando a Blanchu: O pouco que sei sobre ele , resulta de minha sanha farejadora, nos arredores da cultura popular, nas suas cafuas, arrebaldes e galhofas.

O patrimônio imaterial do povo cearense é muito rico, inexplorado, ignorado inclusive pelos próprios cearenses, como eu.

Pois foi neste universo cheio de teias, caminhos tortuosos, desvãos, entradas e saídas, estradas vicinais, que fui encontrar o que considero os fundamentos e os princípios da filosofia de Blanchu.

São suas algumas frases de efeito, tiradas, ditos, sacadas, repetidas por semi-alfabetizados de todas as nacionalidades, por intelectuais de fachada, por falsos messias, por doutores de alvenaria, etc.e tal.

Numa palestra que deu, certa feita em Sobral, explicou a origem e indicou a paternidade de muitos bordões, jamais utilizados por Chico Anísio e Tom Cavalcante:

- Nunca antes neste país, Farôncio, capitão mor de Angola, no século XVI.
- Atrás de nós vem gente, Fionca, capitão do mato da Guarda Nacional, na caça aos índios, no século XVII.
- Não sei, não vi, não conheço, Zelites, mordomo da Rainha Mãe, da Escócia, no século XVIII
- Sou preto, feio e moro onde não mora ninguém, Zeca Godinho, pagodeiro de Bissau.
- Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, Franchão, general da Banda de Ipanema.
- Isso é isso, aquilo é aquilo, Djamanta, líder da primeira rebelião de escravos, na Guiné.
- Eu não sabia, Sargento Garcia ao ser informado que o Zorro era bicha.
- Sou cego, surdo e mudo, Canfuncio, sábio afegão primo do sábio chinês, Confúcio.
- Devagar nunca se chega, Gerôncio, navegador espanhol, do século XVI.
- No Brasil inteiro, todo mundo fala o português, do Oiapoque ao Chuí, Lula, metalúrgico, no século XX.
- Vale o que está escrito, Castor, bicheiro holandês, do século XVII.
- Pior do que ler um só fazer esteira numa Academia, Silva Lils, do MST bizantino, do século II AC.

No Crato, numa reunião de líderes locais, antecipou a derrubada do Muro de Berlim, o fim da União Soviética, a Guerra das Malvinas, a globalização econômica, os escândalos das privatizações no Brasil, o mensalão na política de Brasília, a corrupção estrelada e generalizada na República, baseado, segundo ele, nas cartas náuticas de um navegador português que ia para as Índias, e que, por engano, desembarcou no Brasil. Tais cartas hoje se encontram hoje na Torre dos Estrondos, no Sul da Bahia. Os ouvintes ficaram perplexos com as revelações, tacharam-no de louco, não o aplaudiram. Hoje, os sobreviventes daquele sarau lamentam a pouca importância dada a Blanchu, que assumira sua porção profética.

Em Juazeiro do Norte, previu os milagres de padre Ciço, as romarias, os romeiros, o Romeirão, a estátua, a Beata Mocinha, a literatura de cordel, os cantadores, o Seu Lunga.

Li um texto inédito, que lhe foi atribuído, por um catador de lixo, escrito em papel de pão e à mão, que “nenhuma sociedade sobrevive sem valores éticos e morais. Povos e nações que não cultivam tais valores tendem a ser atrasados”. Vocês poderiam refletir, ou como dizem los hermanos, reflexionar, sobre o enunciado de Blanchu? Sei que muitos não pensam e não refletem, outros pensam e não refletem, outros não pensa e refletem, pois acham pensar tão difícil quanto refletir. E pior: expressar o que sentem, sem se enrolar todo.

Nas suas andanças pelo Ceará, inicialmente a cavalo, depois de jipe, baratinha, sopa, caminhão de três boles, pau de arara, meios de transportes ao seu alcance, no tempo que não existia bolsa disso e daquilo para idosos, Blanchu andava de cidade em cidade, a procura de trabalho, casa, comida e roupa lavada. Não era malandro nem vagabundo. Trabalhava para viver. O trabalho é meio de vida e não de morte, confiava aos mais íntimos. Fazia de tudo um pouco. Gostava mesmo é de ficar pensando, castelando, contando carneiros,

viajando na imaginação, dando asas ao imaginário, construindo seu ideário. Realizava-se quando encontrava uma platéia que ouvisse desfilando a sua carteira de conhecimentos gerais e fatos de possíveis ocorrências.

Em Orós, viu o açude, em Quixadá, o açude; em Banabuiu, o açude, em Pentecoste, o açude. Afirmava que no espelho das águas acompanhava o movimento das nuvens, indo e vindo, levadas pelos ventos. Era mesmo um filósofo.

Falavam que nascera em Tauá, mas lá não há registro em qualquer cartório. Não se sabe ao certo o nome de seus pais. Uns diziam que era filho de Aurora e Boreal. Outros diziam que era filho de Por do Sol e Dama da Noite. Pequenos detalhes inócuos para um gênio da raça. Diziam que não fora batizado e crismado. Coisas de menor importância, como saber quem eram seus pais, DNA, patrimônio genético, ascendentes e descendentes, a casa onde morou, seus companheiros de cabiçulinha, de trisca, de cinturão queimado, bincadeiras de crianças etc. etc. Afinal gênio é gênio e ponto final.

O seu legado está presente em inúmeras obras satíricas e humorísticas do Ceará, escritas por Leonardo Mota, Chico Anísio, Tom Cavalcanti, Paula Ney, Quintino Cunha, Marcus Gadelha, Andréa Saraiva, José Inácio Filho, Tarcisio Matos, Dario Macedo, Rangel Cavalcante.

Também está presente em inúmeras obras públicas superfaturadas, obras sanitárias não assinadas, obras assistenciais como o bolsismo, ,